

Um mito da história portuguesa reinventado numa narrativa onde cabem sonhos e obsessões colectivos

As trovas de Faria

Carlos Vaz Marques

Sete anos depois do seu último romance, Almeida Faria regressa com um romance em sete capítulos e faz emergir do nevoeiro cerrado do cabo da Roca um Sebastião nascido de um ovo 400 anos depois de O Desejado.

«O Conquistador», este Sebastião chegado quatro séculos depois do mito nacional, é missionário de outras conquistas, que não pretendem já áfricas nem desertos de areias mouriscas, mas o prazer de mulheres.

É a identidade nacional desta vez libidinosamente representada. Com ironia, erotismo e metáfora — é o autor que o diz.

Aquele que foi a mais precoce revelação da ficção contemporânea das últimas décadas regressa em grande forma e confessa-se um «autor de gaveta». Sonha com um sucesso de vendas para se profissionalizarem na escrita e escrever «mais e melhor».

Já está de peito feito à espera dos ataques de alguns «nacionalóides». O próprio explica-se aqui de viva voz:

«Jornal de Letras» — Vamos directos ao assunto: não será uma injustiça este livro não sair assinado a meias, com o nome do Mário Botas na capa ao lado do seu?

Almeida Faria — É, sim senhor. Aliás, foi por isso que eu atrasei tanto a publicação.

«JL» — Esteve a decidir se devia ou não devia pôr os dois nomes na capa?

A.F. — Bem, o livro tinha sido pensado a meias com o Mário Botas, os desenhos estavam feitos, aliás, tenho mais...

«JL» — Isso quero dizer que estes desenhos foram feitos especificamente para uma ideia?

A.F. — Foram. Eu tinha uma ideia já antiga, de facto, da fazer este romance acerca do possível regresso de D. Sebastião e depois, com a morte do Mário Botas, achei que era um pouco abusivo da minha parte fazer com que o livro fosse só meu. Infelizmente, falei do assunto a várias pessoas — inclusivamente a jornalistas — que depois me começaram a exigir o livro.

Até houve, aqui há dois anos uma revista que disse que o livro ia sair. Eu ainda não estava, na altura, muito convencido a publicá-lo mas quase acabei por me sentir forçado, empurrado para o publicar.

«JL» — Pôs a hipótese de não chegar sequer a publicar o livro, de o deixar a jazer na sua gaveta?

A.F. — Sim. Aliás, a minha



Almeida Faria, «autor de gaveta»

gaveta está bastante cheia. Sou um escritor de gaveta. Gosto muito de escrever e não gosto de publicar. De maneira que sempre que posso deixar as coisas na gaveta fico muito contente.

«JL» — Porquê?

A.F. — Não sei.

«JL» — Publica pouco, isso nós já sabemos. Mas, pelos vistos, não é porque não escreva muito...

A.F. — Pois escrevo, escrevo bastante. Mas para isso há várias explicações possíveis. Uma delas talvez seja a preguiça — porque eu gosto muito de escrever, não me dá trabalho, dá-me gozo, mas depois rever, passar à máquina... isso detesto.

Todo esse trabalho de autocritica é, realmente, muito menos divertido e eu escrevo para me divertir. Por isso, tudo o que não seja estar muito bem refaste-

lado a escrever à mão — que é como eu gosto — tudo isso me não diverte muito.

Enfim, esta será uma razão apenas um pouco anedótica. Deve haver outras razões mais profundas e mais psicanalíticas.

«JL» — Acredita que isso é consequência de razões escondidas nas profundezas do ser?

A.F. — Ah, sem dúvida. E é mesmo isso que mais me interessa: são as coisas que a gente não vê assim à primeira e que andam lá por baixo.

De resto, penso que os meus livros estão bastante cheios de sonhos e de pesadelos, de coisas que não são muito claras. E uma das minhas paixões, uma das minhas missões — se é que o posso dizer, é tentar trazer essas coisas à superfície.

Eu, aliás, sou um sonhador inveterado e, hoje mesmo, levanto-me às cinco da manhã porque acordei com um sonho e vou logo a correr a escrevê-lo porque lembro.

Acabei de acordar com um sonho e vou logo a correr a escrevê-lo porque lembro.

Cadernos de sonhos

«JL» — Tem um caderno de sonhos?

A.F. — Não tenho um, tenho montes.

«JL» — E é publicável, são escritos que assumem uma forma literária?

A.F. — Quer dizer... Mais tarde, alguns assumem e, de resto, tenho muitos capítulos de outros romances que já são tirados de sonhos autênticos que eu depois transformo e invento. Invento. A partir de um sonho que tive invento uma história, por exemplo.

Às vezes até me acontece achar o sonho tão bom que, naqueles

segundos que antecedem o acordar, eu julgo que estou a ver um filme de Ingmar Bergman, que é um autor que eu admiro muito.

E quando acordo e percebo que não é do Bergman, que é meu, fico contentíssimo e vou logo a correr a escrevê-lo porque penso, caramba, se aquilo me parecia tão bom talvez valha a pena.

Realmente, sou um fiel perseguidor dessas profundidades, daquelas que a gente pode entrever através dos sonhos.

«JL» — Voltando ao modo de produção de «O Conquistador» — um livro onde os sonhos desempenham também um importante papel — o livro começou por ser uma história que o Almeida Faria contou ao Mário Botas, começou, portanto, por ser uma história oral?

A.F. — Sim, sim. Começou por ser uma história oral.

Eu tinha essa ideia de fazer uma coisa sobre um conquistador. Mas não é um D. Juan. É um homem que vive para fazer as mulheres felizes. É quase o contrário do D. Juan: o D. Juan queria deitar-se com as mulheres...

«JL» — ... para se fazer feliz a si próprio.

A.F. — Claro. Em primeiro lugar para se vir. Enquanto que este, a certa altura, começa a dedicar-se a essa actividade erótica quase como um missionário — parece-me — porque, embora eu próprio não possa explicar completamente a personagem nem saiba como é que me lembrei desta figura, ele começa a dedicar-se a essas conquistas como um tipo cuja missão na Terra é fazer felizes as mulheres.

Isso, não me lembro nunca de ter visto: um herói literário com essa ambição. E nesse aspecto, parece-me que é uma figura original.

«JL» — Ao contar esta história, oralmente, ao Mário Botas, ele...

<1>A.F. ... Fiz uns desenhos, logo. Sobretudo, esse desenho do ovo que é a ideia mais arriscada e mais lírica, que é a de Sebastião, o protagonista, aparecer de dentro de um ovo.

De facto, eu lembrei-me de vários mitos, nomeadamente do mito de Vénus, que também nasce do mar. A Vénus era a deusa do amor e, como este Sebastião é uma espécie de herói do amor, também me pareceu que o facto de ele vir do mar era importante.

Por outro lado, conta-se que D. Sebastião virá numa manhã de nevoeiro, do mar também. Portanto, eu juntei o mito nacional ao mito de Vénus e lembrei-me desta aparição dentro de um ovo que é, realmente, totalmente fantástica.

A ironia e o mito

«JL» — Já lhe ocorreu que este livro pode ser lido, quer como uma brincadeira jocosa, quer como uma forte ironia em relação ao tema da identidade cultural, que tem sido o tema preferido dos autores portugueses? Este seu romance não será uma forma jocosa de falar da identidade nacional recorrendo a um D. Sebastião virado para outras conquistas?

A.F. — É e não é. Acho, sem dúvida, que é um livro totalmente irónico. Do princípio ao fim. Só o último capítulo é que tem uma tonalidade bastante mais séria. É, aliás, nesse capítulo que eu evoco a figura do Mário Botas, embora sem lhe mencionar o nome. Aquele amigo que desenha é, evidentemente, ele.

Todo o livro é, contudo, muito irónico. E penso que essa questão da identidade — que tem sido tão falada — para mim não é problema nenhum: não sofremos nada de falta de identidade...

«JL» — Já alguém disse que esta discussão demonstrará um superavit de identidade.

A.F. — Foi o Eduardo Lourenço. E estou inteiramente de acordo com ele. De resto, é o pensador português com quem eu mais me identifico. Já lhe dediquei um livro e fiquei agora muito contente quando ele me disse que gostou imenso deste livro.

«JL» — Dá os seus livros a ler a algumas pessoas-chave para se pôr em confronto com a sua obra antes de ela vir a público?

A.F. — Sim, a algumas pessoas amigas. Aliás, a quatro pessoas.

«JL» — Disso dependeu a publicação, ou não, do livro?

A.F. — Não. Já estava uma parte em provas.

Dei-o a ler a pessoas cuja opinião me intressa muito e, portanto, que eu sabia que me punham mais tranquilo se elas gostassem.

«JL» — Mas também poderia ficar muito intranquilo se não gostassem porque, entretanto, já não poderia alterar substancialmente...

A.F. — É verdade. Aliás, ainda estou muito intranquilo porque eu receio que haja pessoas que precisamente em relação a isso que você viu — essa ironia — julguem que eu estou a gozar com certos mitos nacionais...

«JL» — E não está? Não. Isto é, a ironia não é escárnio nem maldizer. É de facto, uma maneira de gostar das coisas...

Um pouco, de resto, como com o Eça de Queirós. Eu acho que é primário dizer que o Eça de Queirós era um inimigo de Portugal. Acho isso primário. É evidente que ele adorava Portugal.

•••

«JL» – Esses escritos que tem na gaveta – e que não publica porque tem essa relação complexa com a edição das suas obras – estão acabados ou são ainda esboços?

A.F. – Justamente, eu não os publico porque me vão dar ainda muito trabalho. Quer dizer, estão na forma mais primária possível, são escritos directamente para o papel, muitas vezes de manhã cedo, de madrugada, quando ainda estou um pouco ensonado.

Eu acredito bastante num certo automatismo que, no fundo, não existe mas que é aquilo de que os surrealistas falavam: uma escrita o mais directa possível, sem grandes mediações. Pelo menos num primeiro momento eu gosto de ser o mais espontâneo possível.

Só que depois vem um segundo momento que é o da autocritica e esse dá trabalho. Tudo o que eu tenho, portanto – são milhares de papéis – terão que ser objecto ainda de uma grande revisão.

«Comecei cedo de mais»

«JL» – Não lhe pesa sobre os ombros o ónus de ter sido o prematuro dos actuais ficcionistas portugueses?

A.F. – Não sei se fui o prematuro. De facto, comecei muito cedo – e até cedo de mais, talvez...

«JL» – Cedo de mais, porquê?

A.F. – Publiquei aos 19 anos e, realmente, é capaz de ser um pouco cedo de mais...

«JL» – Mas já não se revê no seu primeiro livro?

A.F. – Não me revejo já no «Rumor Branco», isso não. Por outro lado, acho que me foi útil, porque perdi aquela vontade de publicar à força.

Isso tirou-me quaisquer veleidades de fazer carreira dê lá por onde der, de dar muitas entrevistas. Penso que isso não é o mais importante.

«JL» – E os prémios? O Almeida Faria tem, em seis livros de ficção publicados, quatro prémios...

A.F. – Sim, mas foram todos prémios modestos do ponto de vista material. Realmente, não sou desses que ganham quatro e cinco prémios...

«JL» – Talvez venha a ser...

A.F. – Oxalá não...

«JL» – Porque não?

A.F. – Porque se não, lá está, sou mesmo obrigado a entrar no jogo da vedetização.

«JL» – Mas não recusaria um prémio.

A.F. – Ah não, de maneira nenhuma. Primeiro, por respeito pelas pessoas que dão o prémio e, segundo, porque sou a favor dos prémios literários. Aliás, quando era presidente de PEN Clube inventei os prémios do PEN. Inventei até um prémio para a tradução, que é uma actividade muito mal paga e muito pouco reconhecida. Penso que os prémios literários são muito úteis e, portanto, não os recuso.

«Erótico, pícaro e metafísico»

«JL» – Voltando a este seu novo livro, ele começou por ser anunciado há dois anos atrás como «um romance erótico de Almeida Faria». É mesmo assim ou isso foi um dislate ou uma invenção?

A.F. – Eu disse a uma pessoa amiga, que depois o divulgou, que era um romance «erótico, pícaro e metafísico». E penso que não se pode separar o erótico dos outros adjectivos.

De facto, o erotismo está lá mais do que evidente mas também tem esta dimensão pícaro que para mim é importante. Não há praticamente pícaro na literatura portuguesa, é uma invenção espanhola. Esta dimensão pícaro é a deste herói que não pretende ser herói, que de certo modo até é anti-herói.

É um herói por vezes ridículo como o D. Quixote ou, enfim, que nem sempre se sai muito bem nas suas conquistas. Isso parece-me, portanto, uma maneira mais eficaz para falar dessas conquistas. Quer dizer, o gabarola que se gaba das suas aventuras, para mim, tem muito pouco interesse. Aquele que, pelo contrário, tem alguma dificuldade e que se esforça e que só com um certo custo, às vezes, é que consegue aquilo que pretende, para mim é mais divertido.

«JL» – Há, portanto, essa dimensão pícaro. Agora vamos à metafísica.

A.F. – A metafísica que para mim, no fundo, é a dimensão mais importante... Sempre foi: já no prefácio ao «Rumor Branco» o Vergílio Ferreira falava em «eroti-



Aprensão: «Receio que haja pessoas que julguem que estou a gozar com certas mitos nacionais»

cismo em metafísica. Isso foi em 62. De facto, ele acertou totalmente. São duas dimensões, para mim, fundamentais. E que, de resto, são fundamentais em relação a toda a arte.

Diz-se, geralmente, que a arte se preocupa com o amor e a morte. Bom, é isso: são, de facto, os dois grandes temas de sempre.

No fundo, penso que toda a arte séria é metafísica no sentido

«JL» – Voltando ainda ao lado pícaro do seu romance, creio que essa pode ser uma das grandes surpresas de «O Conquistador». O humor não é uma coisa que se associe muito ao seu nome. O tom do livro foi deliberado ou é da sua natureza e tinha-se andado a policiar?

A.F. – Não é totalmente deliberado. Gosto muito da ironia e, infelizmente, não tenho tanto jeito para fazer humor como gostaria.

A ironia já aparecia, de vez em quando, nos outros livros – nomeadamente no «Cavaleiro Andante», e até nos «Cortes» – mas era, de facto, uma ironia mais amarga.

Esta é uma ironia bastante amável, acho eu. O tema do erotismo é tão difícil literariamente, é tão perigoso – considero-o, aliás, o assunto mais difícil da literatura – que para fugir, por um lado a essa seriedade que, por vezes, se torna kitsch e patética tinha que recorrer à ironia.

«JL» – Admira, por exemplo, o Henry Miller?

A.F. – Muito pouco. Muito pouco justamente, em primeiro lugar, porque é um gabarola. Só o «Tropico de Câncer», que eu acho que é um livro escrito com as entranhas...

Depois não. É uma repetição pura e simples, nem é bem literatura, é mais um documento. Acho que não é um grande escritor. E, de resto, caiu logo no esquecimento.

Palavrões

«JL» – Tem algum exemplo que admire neste terreno difícil do erotismo?

A.F. – Não tenho muitos, confesso. Claro que há grandes escritores que trataram disso. Mas sempre aqueles que mais me interessam são aqueles que o tratam com um riso, como o Rabelais, que tem coisas grosseiras mesmo, mas com aquela leveza que torna o sexo mais eficaz esteticamente.

De Kundera li muito pouco. Consta-me que também cultivava o erotismo com ironia. E penso que, se é assim, está certo, porque é a melhor maneira de o fazer. O «Ulisses», do Joyce, tem bastantes palavrões mesmo e sempre com essa capacidade...

«JL» – Mas neste livro não há palavrões.

A.F. – Depende do que se entenda por palavrão. A certa altura refiro-me aos nomes do sexo masculino e do sexo feminino com palavras comuns, correntes, que talvez sejam palavrões. Hoje, o sentido de palavrão mudou muito em relação ao que era há uns anos.

No «Cavaleiro Andante» eu tenho um capítulo só com palavrões. Achei que era uma experiência estética. Em vez de estar a mandar um palavrão de vez em quando, uma boca de longe em longe, concentrei numa ou duas páginas toneladas de palavrões. Era quase como um poema à base de palavrões.

Fiz a experiência de o ler em público, inclusive na Faculdade de Letras de Lisboa, para grande escândalo de alguns professores e gozo das dezenas de estudantes que lá estavam. E aí, vi realmente, que aquela experiência funcionava porque fazia rir as pessoas.

«JL» – Corou?

A.F. – Acho que sim.

«JL» – Está contente com este seu livro?

A.F. – Não estou contente. Acho que nunca me aconteceu estar contente...

«JL» – Qual será a maior alegria que este livro ainda poderá vir a dar-lhe? Um prémio...

A.F. – Não. Gostava que agradasse a algumas pessoas.

A gente escreve para que gostem de nós. Somos pessoas com carências metafísicas, muitas vezes. Não gostaram de nós quando éramos crianças, por exemplo, e escrevemos para suprir essa falta.

Portanto, o único prémio é que algumas pessoas que eu respeito gostem daquilo que eu escrevo.

«JL» – E as vendas significam alguma coisa?

A.F. – Para mim significaria muito. Porque gostava de um dia poder viver do que escrevo. Aliás, é mesmo um dos meus sonhos. No fundo, há duas ou três pessoas em Portugal que fazem isso.

Se eu um dia conseguisse que um dos meus livros fosse um sucesso isso ajudava-me muito.

«JL» – E esse desejo era para poder escrever mais ou para escrever melhor?

A.F. – As duas coisas.

AGORA EM LISBOA

LIVROS DE ARQUITECTURA

NOVIDADES SEMANAIS

LEITURA ARTE

Galeria Nasoni

Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 9B 1000 Lisboa

LIVROS DE TODO O MUNDO

LIVRARIA

No centro da cidade do Porto precisa de empregada de balcão de preferência com prática. Carta manuscrita pela própria, indicando idade, habilitações e outras referências que julgue de interesse e dirigida a este jornal ao n.º 1035

dITEC espaço Arte

Av. da Igreja, 46-A
Tel. 775395

SILVA PALMEIRA

"Jogo da Vida" – Óleos sobre tela

EXPOSIÇÃO ATÉ 10 DE JUNHO

De 2.ª a sábado das 10 às 13 e das 14.30 às 19.30

A ironia e o mito

...

A atitude do Eça de Queirós é uma atitude que eu, aliás, admiro muito, e que não significa menos-prezo.

Mas receio que pessoas — aliás muito primárias — que há por aí e certos nacionalistas — que estão evidentemente caricaturados na figura do professor Gagá — esses, são capaz de reagir muito mal.

Já houve em tempos, aliás, um pseudocrítico que reagiu muito mal...

Os críticos

«JL» — O Almeida Faria tem muito más relações com os críticos. Pelo menos a avaliar por declarações muito contundentes que fez recentemente, em que dizia que eles são gente que cospe na sopa de que se alimenta.

A.F. — Não tenho nenhuma razão de queixa.

Excepto em relação a um nacionalíde — eu não lhe chamo nacionalista mas nacionalíde, que é um pouco um mongolíde do nacionalismo — que, realmente, escreveu umas coisas chamadas «anti-Lusitânia» contra os meus livros. Porque, justamente, fez uma leitura muito primária...

«JL» — Não quer dizer quem é?

A.F. — Não. Não vale a pena, coitado. Isso queria ele!

Excepto esse caso, acho que tenho sido, em geral, bem tratado. Em todo o caso, o que eu disse em tempos foi que os críticos dispõem de um poder excessivo e podem liquidar um livro.

Há vários casos de escritores que eu admiro — por exemplo, o Armando da Silva Carvalho, que eu acho que é um escritor da minha geração que é muitíssimo bom — que são liquidados com uma crítica má num semanário muito influente daí. Depois, pronto, o livro morreu.

É isso que é injusto e é impune. A crítica em Portugal tem hoje um poder...

«JL» — Não é assim nos outros países também?

A.F. — Não sei. Confesso que não sei. Talvez seja.

De resto, vivemos numa era em que é mais importante criticar do que criar.

Em todo o caso, aqui, para um país relativamente pequeno como o nosso, o público segue muitíssimo o que dizem dois ou três jornais e pura e simplesmente, não compra.

Há casos em que os próprios autores me disseram: a venda parou imediatamente assim que o jornal tal disse que era mau. E o que é pior é que se o jornalista

quisesse entrar em polémica ficaria sempre a perder, porque o jornalista tem a última palavra e gozaria, eventualmente, com o autor que quisesse defender-se e, portanto, é inútil defender-se.

Sobretudo, parece-me que é injusta esta situação, tanto mais que dá muito mais trabalho escrever um livro — que leva às vezes anos — do que escrever uma crítica em poucas horas.

Mas eu não estava, como é evidente, a falar em meu nome; eu estava a falar em geral.

«JL» — Curiosamente, numa época em que — depois da revolução sexual dos anos 60 — se regressa, segundo se diz, à pacatez da conjugalidade, este livro aparece um pouco em contracorrente em relação a essa proclamada tendência.

A.F. — É verdade. Mas, de facto, este livro termina em 1978...

«JL» — Termina e, além disso, toda a história é contada em 78. O narrador tem 24 anos e nasceu em 1954...

A.F. — É isso mesmo. Aliás, se quiser uma pequena bisca, esses anos coincidem exactamente com os anos em que nasceu e morreu o D. Sebastião. Quer dizer, são 400 anos depois exactamente as mesmas datas, dia por dia.

E termina nas vésperas dele fazer 24 anos, que foi a idade em que D. Sebastião morreu. Ele



Almeida Faria irónico: «A ironia é uma maneira de gostar das coisas»

morreu em 4 de Agosto, o D. Sebastião, e este livro termina no fim de Julho. E é justamente porque o protagonista pôs a hipótese de morrer aos 24 que se retira.

O livro, além disso, tem sete capítulos — primeiro porque sete é um número mágico — e, depois, porque cada capítulo corresponde

a um mês. Ele retira-se lá para a Peninha no princípio do ano. Penso que no plano cronológico está tudo exacto.

Processos de trabalho

«JL» — Como é que chega a essa elaboração formal? Faz

uma sinopse muito circunstanciada antes de começar a escrever?

A.F. — Não, mas gosto muito de números e datas.

Os meus outros romances, por exemplo, quase todos têm o mesmo número de capítulos e, muitas vezes, cada capítulo corresponde a um dia. Por exemplo, «O Cavaleiro Andante» passa-se em dois meses e tem 60 capítulos, ou seja, um capítulo por dia.

No fundo, isto é apenas um processo de arranjar um esqueleto, uma estrutura sobre a qual assenta a matéria ficcional.

«JL» — Mas como é que trabalha esse esqueleto? É encontrado ao correr da escrita ou é premeditado nas vésperas da prosa?

A.F. — Não sei bem como é. Sei que vou escrevendo coisas e, de repente, vejo uma estrutura na coisa. Por exemplo, «A Paixão» — que se passa só num dia — eu acho que quando o comecei percebi logo que aquele livro se ia concentrar todo num dia.

Mas tenho sempre um lado de inspiração — se é que o posso dizer — que é ver, de repente, a forma final. No fundo, a ficção, como a poesia, é também uma questão formal. E só quando eu vejo a forma do objecto é que, no fundo, sinto que encontrei aquilo que vai ser o livro.

EDINTER
edições internacionais, lda.

A Edinter pensa em ti!
Porque conhece os teus gostos.
Ao leres Edinter - Agarras o Futuro com prazer.

DESABROCHAR
editorial, lda.

Para nós, o melhor que há no mundo são as crianças.
Desabrochar — Fazemos livros com amor...
Ao leres Desabrochar, aprendes mesmo a brincar.

UMA DISTRIBUIÇÃO **AMBAR**